

# Flecha FATAL

Elisabeth C.

<sup>1</sup> <http://www.maissuperior.com/2014/04/27/fatal-2014-o-teatro-universitario-regressa-lisboa/> (21-05-2014).

<sup>2</sup> Feliz expressão poética da Professora Maria Helena Seródio que sintetiza o posicionamento do FATAL no texto de abertura publicado no Programa de Sala do FATAL 2000.

<sup>3</sup> Permite a participação formativa e criativa de encenadores profissionais e apoia a organização do festival, o que é decisivo para os níveis de excelência a que esta mostra nos vem habituando. Refiram-se ainda as atuais parcerias com outros agentes culturais da cidade, como a Caixa Geral de Depósitos e a Câmara de Lisboa.

Elisabeth C é professora (aposentada) do ensino secundário, integrou durante vários anos a Direcção da Associação Portuguesa de Professores de Inglês (APPI), onde é hoje formadora no seu Centro de Formação, e é Mestre em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A sua dissertação de Mestrado – *Braz Burity: Tudo pela verdade* – saiu recentemente (2014) publicada em livro, impresso pela Várzea da Rainha e com o apoio da Fundação da Casa de Bragança.

"O Teatro [universitário], como espaço de criação e liberdade, de partilha das diversas experiências e linguagens, amplia a capacidade de reflectir, questionar e recriar vivências, a todos os que o constroem. No mundo da tão falada globalização, o Teatro é, pois, proximidade e identidade, ao focar-se na construção da pessoa no seu todo e na compreensão do outro."<sup>1</sup>

Como pontualmente acontece desde a sua criação, em 1999, este mês de Maio o FATAL – Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa – voltou a animar a capital qual "flecha jovem no coração da cidade"<sup>2</sup> lançada rumo ao futuro.

Porque se é no aqui e agora que se afirma como referência cultural dirigida a toda a comunidade, ultrapassando as fronteiras do teatro académico, "inscrevendo Lisboa no mapa das novas geografias das Artes do Espetáculo" (Regulamento 2014, art.º 2), é no futuro que se projeta pela sua componente formativa e pela sua capacidade de questionar e refletir sobre a arte, a condição humana e a vida.

Não será demais reafirmar, nestes tempos áridos e pardacentos de desinvestimento na cultura e de esvaziamento de objetivos e de sonhos, a importância crucial da atividade artística na Universidade e do Teatro Universitário em particular, na sua reconhecida condição de "atividade extracurricular estudantil de maior significado sociocultural e histórico no meio académico português" (*Ibidem*, preâmbulo).

Ultrapassando o desafio colocado a encenadores, atores, técnicos e espetadores a pensar e repensar no teatro enquanto forma de expressão e criação, o teatro académico constitui uma privilegiada forma de reflexão e crescimento individual e coletivo, afirmando-se ainda – é oportuno lembrar – como importante veículo de integração dos jovens na vida universitária.

Na sua tradição de renovação do teatro no nosso país e de luta pela liberdade – estética, social e política – o teatro universitário tem constituído a rampa de lançamento de alguns dos nossos mais brilhantes profissionais das artes cénicas: atores e encenadores, como Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, bailarinos e produtores atualmente a trabalhar com a Mala Voadora, o Teatro Praga e a Companhia de Olga Roriz. Há ainda grupos que transitaram diretamente da universidade para a constituição de companhias, como foi o caso da Comuna-Teatro de Pesquisa e dos Bonecreiros. E, como aponta José Oliveira Barata, "o teatro universitário [...] nas suas lutas, êxitos e contradições, marcou várias gerações e interveio na vida cultural portuguesa" (Barata 2009: 341), constituindo a semente de onde tem brotado considerável número de investigadores, professores, historiadores e dramaturgos.

Para os que seguem por outros caminhos, fica a formação humanística, estética e cultural adquirida,

benefícios individuais valiosos como o desenvolvimento das capacidades expressivas e criativas, bem como um mais profundo conhecimento sobre si próprio e o mundo à nossa volta. Fica uma experiência marcante de vida em comum e de uma prática de criação artística. Vivências que perduram e que podem mudar uma vida. E não será de menor importância o seu contributo na criação de um público conhecedor, que frequenta e aprecia o teatro, sabendo ver e discutir – como o confirma o elevado número de jovens espetadores que hoje encontramos nas salas de espetáculo.

Sobreviveria o nosso teatro universitário sem o FATAL? Naturalmente que sim, mas não se daria por ele. Muito se perderia, tanto em quantidade como em qualidade, dissipando-se a importante componente de motivação que constitui este espaço privilegiado de partilha e de saudável competição em que grupos de todo o país se encontram e se confrontam, se conhecem, saem do seu isolamento, discutem concepções estéticas e técnicas, veem o trabalho dos outros e assim se enriquecem e se definem. O teatro universitário reduzir-se-ia a fortuitas e simples representações, sem ação cultural, a vagos projetos de "complementaridade cultural" (*Ibidem*. 336), como muitas outras atividades extracurriculares.

Da responsabilidade da Reitoria da Universidade de Lisboa e com o apoio fundamental da Gulbenkian desde a primeira edição<sup>3</sup>, o festival, na sua missão de "promover e divulgar o Teatro Universitário português na sociedade" (Regulamento 2014, art.º 2) e "criar a apetência pelo Teatro junto do público jovem, bem como alargar a novos públicos a fruição das Artes do Espetáculo realizadas pelos estudantes universitários" (*Idem.*, art.º 5), constitui hoje um importante espaço de formação e promoção cultural na área do teatro e da *performance*, com uma adesão admirável de estudantes e de público.

A 15ª edição do FATAL, que decorreu entre 6 e 24 de Maio de 2014, no agradável espaço em que se insere o Teatro da Politécnica – no Museu Nacional da História Natural e da Ciência – e por outros locais da cidade, apresentou este ano a sua edição mais vasta e internacional, trazendo-nos 25 espetáculos de grupos portugueses e estrangeiros, tertúlias, *workshops*, *performances*, instalações e uma *masterclass* que preencheram dezoito dias intensos e estimulantes em que se viveu e respirou arte, liberdade e irreverência, como compete ao teatro universitário.



^ &lt; &gt;

*Corpo em crise*,  
criação coletiva,  
dir. Matilde Javier Ciria,  
TEUC – Univ. Coimbra,  
2014  
(Cláudio Vidal  
e Rafaela Bidarra),  
fot. Zé Miguel Santos.

A apresentação pública, na Reitoria da Universidade de Lisboa, deu o tom de festa, começando pela habitual homenagem a “uma personalidade de relevo na História do Teatro Universitário” (*Idem.*, art.º 4), dedicada este ano a Emilio Rui Vilar pelo seu importante contributo para com as artes e a educação nacionais, nomeadamente para o desenvolvimento do Teatro Universitário Português. Para além da sua presença marcante na cultura nacional, o homenageado, no seu tempo de Coimbra “andou [...] pelos teatros” (Seródio 2014: 2), tendo integrado o CITAC e sido criador do TUT, o grupo de teatro da Universidade Técnica de Lisboa, que dirigiu de 1981 a 2008. Como tal, foi com conhecimento de causa que apreciou as atividades teatrais como “das mais expressivas como veículo educativo cultural e artístico, constituindo um espaço de liberdade, criatividade e inovação, [...] que contribui para a renovação do teatro.”

Em competição estiveram nove espetáculos, a que se juntaram oito integrando a categoria “Mais FATAL” (uma oportunidade para os grupos que, não tendo sido selecionados para a competição, tiveram ainda assim uma oportunidade para mostrarem as suas criações) e outros oito na categoria “FATAL Convida”, que incluiu cinco espetáculos de grupos estrangeiros.

Marcaram presença alguns dos grupos de maior longevidade, como o GTL (Grupo Teatro de Letras da Universidade de Lisboa) o TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), o TUT (Teatro Universitário de Lisboa – anterior Teatro da Universidade Técnica de Lisboa), o CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra), o TUP (Teatro Universitário do Porto), o GRETUA (Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro), bem como outros de criação mais recente, como o Noster (Grupo de Teatro da Universidade Católica) e o Sin-Cera (Grupo de Teatro da Universidade do Algarve), (re)afirmando-se como agentes culturais emblemáticos dos coletivos representados.

Tchekov, Strindberg, Raul Brandão e Shakespeare foram alguns dos autores que mereceram abordagens inovadoras nesta edição, embora grande parte dos grupos tenha apostado em criações coletivas a partir de pesquisas e da conjugação de esforços, dando largas à criatividade e exprimindo o seu “eu”, individual e coletivo. Fizeram-no de formas diversas, prescindindo da palavra ou usando-a de forma complementar: pela dança, figurinos, iluminação, cenário, teatro visual, teatro não-verbal em detrimento da palavra, que em alguns casos surgiu de forma quase complementar, lateral. “Não se trata de

>  
*Húmus: Tríptico*,  
 a partir de Raul Brandão,  
 dramaturgia e enc.  
 Alexandre Calado,  
 Sandra Hung  
 e Tiago Vieira, NNT-  
 Novo Núcleo de Teatro,  
 FCT-UNL, 2014,  
 fot. Francisco Moraes.



diminuir a importância do texto, mas de dar relevo ao corpo", diz Rui Teigão (Teigão 2014: 46). Como interpretar esta tendência? Reação ao excesso de linguagem que se verifica na sociedade contemporânea, nomeadamente nos discursos políticos e publicitários? Não estaremos a perder algo ao descremos na palavra, elemento em que tradicionalmente se sustentava a criação da obra teatral? Questões que não são de agora, com que nos debatemos desde os vanguardistas e polémicos Artaud e Craig que há mais de um século puseram em causa o teatro textocêntrico...

Como já acontecera na edição anterior, os espetáculos não fugiram ao tema da crise económica e social. Mais ou menos pessimistas, muitos trabalhos revelavam sentimentos de desesperança, frustração, revolta, mas também de inconformismo e determinação, não faltando temáticas que envolviam o amor, o desejo e a luta pelo poder, a morte e a beleza, igualmente contemplados.

Como compete ao teatro universitário, a contenção de meios e a experimentação marcaram a generalidade dos trabalhos, produzindo resultados tão diversos quanto interessantes na procura de novas linguagens e novos formatos.

Passemos então em revista alguns dos espetáculos apresentados nesta edição do FATAL.

*Corpo em crise*, criação colectiva trazida pelo conceituado TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra) e dirigida por Matilde Javier Ciria, foi provavelmente o mais plástico dos espetáculos desta edição. Teatro sem palavras, absolutamente simbólico, em que a comunicação cénica se cumpriu pela música, pelos jogos de luz, pela cenografia, pelos figurinos, numa conjugação perfeita que envolve também a gestualidade dos atores. Criando o clima de revolta perante uma crise que não compreendemos e com que não nos devemos conformar, projetaram-se, com saber e arte, como introdução ao espetáculo, entrevistas às chamadas pessoas da vida real, a cujas perplexidades

não podemos ficar indiferentes porque com elas nos identificamos. Com grande simplicidade de meios se faz muito: a partir de um pote com milhares de moedas de 2 cêntimos, simbolizando a ganância e a sobrevalorização do dinheiro que tanto desequilibram as nossas vidas, criaram-se imagens de rara beleza, que certamente perdurarão na memória dos espetadores. A insuperável interpretação, da responsabilidade de Cláudio Vidal e Rafaela Bidarra, foi física e plástica, atingindo um nível claramente profissional. Entrando-nos pelos sentidos, o seu frenesim artaudiano causou muitas vezes um grande incómodo no espectador: corpos em paroxismos de dor e desconforto, corpos em crise num mundo em crise.

*Húmus*, a obra-prima de Raul Brandão, em que, citando Virgílio Ferreira, "a morte se ergue como motivo contrastante para uma reflexão sobre a vida." serviu de base para um espetáculo tripartido do NNT (Novo Núcleo de Teatro da Faculdade Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa). Reunindo – de forma consistente – quadros que contavam com encenações próprias de Alexandre Calado, Sandra Hugo e Tiago Vieira, enquadrados por imagens vídeo de João Seíça, o espetáculo produziu um ambiente mágico a que não foi alheia a interpretação de grande entrega física e emotiva dos nove intérpretes. Numa primeira abordagem, cruzaram-se felizes recriações de excertos de textos clássicos – como *Hamlet* e *Macbeth* – com o tema da morte e da tragédia em pano de fundo, apresentando-se, por contraste, imagens vídeo a evocar a vida, árvores cujas raízes afinal se alimentam do húmus, a parte fértil da terra composta de detritos vegetais e animais, onde se entranham e confundem a morte e a vida, "todos apodrecendo juntos na mesma terra misturada e revolvida", de que falava Raul Brandão. A segunda abordagem, tendendo para alguma monotonia, centrou-se na leitura, nem sempre límpida, de trechos de *Húmus*. Três atrizes leram algumas páginas da escrita



^ &lt; &gt;

*No parque*,  
enc. Nicolas Brites,  
GTIST – Inst. Sup. Técnico,  
2014,  
fot. Zé Miguel Santos.

corrida de Raul Brandão, enquanto, de forma mecânica, circulavam pelo palco, com determinação, mas sem destino, os restantes intérpretes. Embora a conceção fosse convincente, o uso de microfones prejudicou a audição e nem sempre a leitura serviu a compreensão deste texto ímpar da nossa literatura, provocando alguma frustração no espetador. Na terceira abordagem, visual, criava-se um universo grotesco e onírico, surreal, em que se confunde a morte e a vida, em que o palco – revestido de detritos vegetais – é varrido por atores em transe progressivo. "O sonho tem as suas raízes nos mortos", pois são eles que alimentam as profundas raízes da árvore dos vivos, seu "húmus essencial". Vive-se o inconformismo, a revolta da criatividade contra a imobilidade. Ouvimos o grito de revolta com que culmina a obra de Raul Brandão "É preciso matar segunda vez os mortos" e somos contagiados pela energia inesgotável deste empenhado grupo de intérpretes, que nos ofereceram ainda dois momentos perfeitos de canto tradicional. Três abordagens distintas a que o dedicado e versátil grupo de atores se entregou com dedicação, alma e nervos... até à exaustão física e emocional.

*Ecstasy*, o espetáculo do GNT (Grupo de Teatro da Nova) levou-nos a um palco ao ar livre – na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa –, muito bem enquadrado no espaço e adaptado à função. Num país de bom clima, mas sem grande tradição de espetáculos teatrais ao ar livre, a opção surpreendeu, mostrando-se, aliás, eficaz, inovadora e agradável – não tendo faltado mantas (que se revelaram desnecessárias por ter estado uma noite agradavelmente estival). Por uma vez, o texto foi a base sobre a qual se construiu o espetáculo concebido por Marina Albuquerque. *Ecstasy* é uma adaptação por Keith Wyatt do romance homónimo de Irvine Welsh, controverso autor de *Trainspotting*, um *best seller* que causou grande impacto quando da sua publicação e posterior adaptação ao cinema nos finais

dos anos 90. Na mesma linha (substituindo a heroína pelo *ecstasy*), a obra gira em torno do universo das drogas e do sexo, com diálogos primários, linguagem escabrosa e jovens estereotipados à procura de uma satisfação imediata, mas também da estabilidade emocional. Confrontam-se dois mundos, o das convenções sociais hipócritas e ocas, e o das emoções autênticas. As drogas, inicialmente celebradas, são condenadas no final, e a dependência rende-se ao que de melhor tem a vida: o amor verdadeiro e a estabilidade emocional. O ruído constante dos aviões que sobrevoam regularmente o espaço foi habilmente contornado pelo 'congelamento' da ação, logo retomada quando voltava o silêncio, acabando estes momentos de paragem por resultar muito agradáveis em contraste com o ritmo intenso em que se moviam os atores, numa sucessão de cenas e mudança de cenários e adereços. A utilização dos espaços laterais ao palco, nomeadamente do edifício contíguo, servida por uma iluminação eficaz, resultou muito bem. A interpretação, assegurada por um grupo de onze esforçados atores, nem sempre foi bem conseguida, com personagens pouco consistentes e demasiado presas ao texto, mas alguns belos momentos de dança constituíram pontos altos do espetáculo.

*Já gastámos as palavras*: noutra contexto que não o de uma relação que se esgotou, como no poema homónimo de Eugénio de Andrade, o TUT, após 65 anos a expressar-se por palavras, optou pelo corpo do ator enquanto veículo de expressão e comunicação. "Estes gestos não podem ser explicados por palavras: se pudéssemos dizê-los, não haveria razão para dançá-los", esclarece Victor Hugo Pontes<sup>4</sup>, que dirigiu este espetáculo de teatro-dança tão imaculado quanto o branco chão em que se moviam harmoniosamente os treze intérpretes. Espetáculo de uma beleza plástica tocante, produto de um trabalho intenso e rigoroso, onde tudo acontece sem falhas e nada resulta do acaso, contemplativo, sem narrativa nem preocupação

<sup>4</sup> Cf. Programa do 15º FATAL: ULisboa 2014.

&gt;

*Ecstasy*,  
de Irvine Welsh  
(adapt. Keith Wyatt),  
enc. Marina Albuquerque,  
GTN – FCSH Univ. Nova  
de Lisboa, 2014,  
fot. Joana Azevedo.



&lt;

*Já gastámos as palavras*,  
dir. Victor Hugo Pontes,  
TUP – Porto, 2014,  
fot. Tânia Araújo.



&gt;

*Dostoyevsky trip*,  
de Vladimir Sorokin,  
enc. Júlio Martin da  
Fonseca, TUT – Univ.  
Lisboa, 2014,  
fot. Mário Corromeu

com temas sociais ou emocionais, mas limpo e encantador, conjugando-se com sábios jogos de luz e a surpreendente música original de Rui Lima e Sérgio Martins.

*No parque* foi o espetáculo honesto e desprezioso coletivamente criado pelo GTIST (Grupo de teatro do Instituto Superior Técnico) com encenação de Nicolas Brites. Estamos perante as inquietações da juventude, convidada a sair da sua bolha de conforto (hábilmente cenografada) para se debater com ideais utópicos em confronto com uma realidade degradante. Porque é preciso sonhar e refletir, mesmo que à bolha se regresse, como é inevitável. A água é o principal elemento cenográfico – numa sucessão de cenas bem conseguidas – para além de materiais simples como plásticos e panos, engenhosamente manuseados (ou não estivéssemos na presença de futuros engenheiros) de forma a criar efeitos surpreendentes – para o que concorre o adequado desenho de luz. A linguagem, a raír o absurdo, é pontuada por um humor muito saboroso, não deixando de convidar à reflexão. A interpretação, de uma simplicidade cativante, de mãos dadas com a espontaneidade, facilitou a identificação e a empatia do espectador. O espetáculo universitário *tout court*, que cativa pela simplicidade desarmante, pela criatividade, pela irreverência, pela jovialidade.

### Conclusão

Atestando o impacto do evento lisboeta, muitas centenas de espectadores interessados e calorosos marcaram presença, muitos deles 'contaminados' em edições anteriores, vivendo alegremente o contagiante entusiasmo dos grupos e o saboroso clima de descontração, criatividade, convívio e sã competitividade. De salientar a elevada participação do público nas discussões/tertúlias pós-espetáculo, com a presença do elenco, e que constituíram momentos de reflexão e debate cultural.



Evidenciando um trabalho esforçado e empenhado, os grupos foram de uma entrega total, emprestando toda a sua vitalidade ao momento que foi (*Iserá*), porventura, um dos mais marcantes da sua vida. Mostrou-se vivo e de boa saúde, o FATAL. Que assim continue, neste ambiente mágico de festa, entrega, união, descoberta, experimentação, de dar tudo por tudo. Ambiente que nos renova e que reacende a esperança num futuro em que o lugar do teatro na vida cultural do país se torne cada mais consistente.

### Referências bibliográficas e sitiográficas

- BARATA, José Oliveira (2009) *Máscaras da utopia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- BRANDÃO, Raúl (1917) *Húmus*, Porto, Renascença Portuguesa.
- Programa 15º FATAL (2014), disponível no sítio: <http://www.fatal.ul.pt/programa.html>
- Regulamento FATAL (2014), disponível no sítio: [http://www.fatal.ul.pt/festival\\_regulamento.html](http://www.fatal.ul.pt/festival_regulamento.html)
- SERÓDIO, Maria Helena (2014), "Entre-linhas: o lugar de Emílio Rui Vilar na arquitetura da vida... e do teatro", in programa do 15º Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa.
- TEIGÃO, Rui (2014), Entrevista à *Time Out* de 30 de Abril, p. 46. <[www.maissuperior.com](http://www.maissuperior.com)>